

# Breves notas sobre a ecologia como limite absoluto ao capital em Mészáros

Ivan Lucon Jacob<sup>1</sup>

41

## Resumo

No atual movimento da crise estrutural do capital presencia-se a emergência de uma contradição fundamental com graves implicações para o sistema do capital: pela primeira vez na história humana, a dominação e a expansão sem obstáculos das estruturas e mecanismos capitalistas, inerentemente irracionais, estão encontrando resistências na forma de pressões resultantes dos imperativos elementares da simples sobrevivência humana, com a ampla destruição do meio ambiente. Estas breves notas pretendem elucidar a urgência do tema nos debates que visam uma sociedade para além do capital.

**Palavras-chaves:** crise estrutural, ecologia, limites absolutos.

## Resumen

En el movimiento actual de la crisis estructural del capital, surge una contradicción fundamental con serias implicaciones para el sistema de capital: por primera vez en la historia humana, la dominación y la expansión sin obstáculos de las estructuras y mecanismos capitalistas, que son inherentemente irracionales, están encontrando resistencia en forma de presiones resultantes de los imperativos elementales de la simple supervivencia humana, con la destrucción generalizada del medio ambiente. Estas breves notas tienen por objeto dilucidar la urgencia del tema en debates dirigidos a una sociedad más allá del capital.

**Palabras clave:** Bolsonaro, contrarrevolución, soberanía

## Abstract

In the current movement of the structural crisis of capital, there is the emergence of a fundamental contradiction with serious implications for the capital system: for the first time in human history, domination and the unimpeded expansion of capitalist structures and mechanisms, which are inherently irrational, are encountering resistance in the form of pressures resulting from the elementary imperatives of simple human survival, with the widespread destruction of the environment. These brief notes are intended to elucidate the urgency of the topic in debates aimed at a society beyond capital.

**Keywords:** crisis estrutural, ecología, límites absolutos

---

<sup>1</sup> Doutorando em Desenvolvimento Econômico (IE/UNICAMP) e pesquisador do IBEC. [ivanlucon@gmail.com](mailto:ivanlucon@gmail.com)



O filósofo húngaro István Mészáros investigou de forma sistemática, já desde o final do decênio de 1960, a crise que assola o sistema global do capital. Os levantes de 1968, a queda na taxa de lucro e sua consequente reestruturação produtiva que remonta aos anos 1970's, os percalços enfrentados pela economia estadunidense e o fim da URSS surgem como expressões sintomáticas em sua análise das mudanças substantivas tanto no sistema do capital como um todo quanto no capitalismo em específico.

Pois o sistema do capital, nesta quadra histórica, "depois de vivenciar a era dos ciclos, adentrava uma nova fase, inédita, de crise estrutural, marcada por um *continuum* depressivo que faria aquela fase cíclica anterior virar história"<sup>2</sup> e resultando, em última análise, na falência dos dois modos estatais de controle e regulação do capital mais avançados do século XX: o modelo keynesiano, existente no centro dinâmico do capitalismo e responsável pela implementação do *welfare state*, e o do "tipo soviético", que embora derivado de uma revolução política que visava ultrapassar o capital, fora subsumido pelo que Mészáros chama de "sistema sociometabólico do capital".

Esta é a mudança qualitativa nas formas de manifestação das contradições inerentes à reprodução do capital, na forma de suas crises; "sua natureza não pode ser explicada (...) apenas em termos de uma crise *cíclica* tradicional", pois além do âmbito e da duração superar em muito os limites historicamente conhecidos das crises cíclicas já experimentadas pelo capital, "à medida que os sintomas de crise se multiplicam e sua severidade é agravada, parece muito mais plausível que o conjunto do sistema esteja se

---

<sup>2</sup> Antunes (2011), p. 10.



aproximando de certos *limites estruturais* do capital<sup>3</sup>, embora ainda longe de já ter atingido seu ponto de não retorno a caminho do colapso.

O que define a crise estrutural do capital, pois, é o caráter incontrolável de seu sistema sociometabólico, oriundo de sua lógica expansionista na busca crescente e desmedida pelo mais-valor, assim como de sua lógica destrutiva, reflexo da descartabilidade acelerada na produção e no consumo de mercadorias, que diuturnamente geram a destruição da natureza em uma escala planetária jamais percebida anteriormente. Como precisamente define Mészáros:

Outra contradição básica do sistema capitalista de controle é que ele não pode separar ‘avanço’ de *destruição*, nem ‘progresso’ de *desperdício* – ainda que as resultantes sejam catastróficas. Quanto mais destrava os poderes da produtividade, mais libera os poderes de destruição; e quanto mais dilata o volume da produção tanto mais tem de sepultar tudo sob montanhas de lixo asfixiante<sup>4</sup>.

O que se defronta aqui, portanto, é a contradição interna de um sistema de produção e controle que não pode – nem deve – evitar o aumento das expectativas quanto ao seu futuro, mesmo diante de uma ameaça real de um completo colapso de sua capacidade de satisfazê-las.

## I

Desde Marx, a questão do trabalho e de sua relação dialética com a natureza reside na tradição da crítica da economia política, pois Marx definiu o trabalho em si em uma concepção de metabolismo, dado que “trabalho é,

---

<sup>3</sup> Mészáros (2011) p. 41.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 73.



antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por meio de suas próprias ações, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza”<sup>5</sup>. Assim, em seu caráter social, o trabalho associa-se à uma reprodução metabólica, mas também, em seu caráter ecológico, quando age sobre a natureza externa, quando a modifica por meio do trabalho, modifica a sua própria natureza.

Mészáros, herdeiro da tradição de Marx, desenvolve sua análise do capital como um sistema historicamente determinado de reprodução sociometabólica, enfatizando “que as mudanças qualitativas na ordem social demandadas pela *ecologia* são elementos indispensáveis de um conjunto mais amplo de desafios do mesmo gênero”<sup>6</sup>, orientadores de uma nova sociabilidade para o século XXI, tal como a igualdade substantiva e a necessidade de um controle social radicalmente distinto das formas de controle do sistema do capital.

Já em suas obras iniciais<sup>7</sup>, a questão da dialética entre o trabalho alienado e a degradação da natureza adquire centralidade no pensamento de Mészáros, onde a ordem sociometabólica do capital totalizadora e totalizante acaba por absorver as mais variadas dimensões da reprodução social humana, sobrepondo-se a tudo, seja ao sistema educacional, de saúde, à produção ou ao meio ambiente, pois “em sua mais íntima determinação, o sistema do capital está *orientado para a expansão* (...) e é

---

<sup>5</sup> Marx (2013), p. 255.

<sup>6</sup> Clark e Foster (2011), p. 118.

<sup>7</sup> István Mészáros, *A Teoria da Alienação em Marx* (São Paulo, Boitempo, 2016). Esta obra, lançada em 1970, foi laureada com o Isaac Deutscher Memorial Prize, no mesmo ano, quando Mészáros proferiu a palestra *The Necessity of Social Control* [Ed. Bras.: “A Necessidade do Controle Social” in *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição* (São Paulo, Boitempo, 2002), p. 983-1011]. Estas duas obras representam um conjunto no sentido de apresentar os esforços iniciais da teorização sobre a “crise estrutural do capital”.



*impelido pela acumulação*, em termos da necessária *instrumentalidade* de seu objetivo projetado<sup>8</sup>; deve, pois, ser contínua e incessantemente renovado, revolucionar as relações de produção apropriando-se da natureza e subsumindo o planeta ao processo de acumulação.

Torna-se portanto falacioso – quando não cínico – a busca por uma aparente estabilidade do capitalismo – mais ainda quando se projeta alguma solução de controle do capital do passado – objetivando transformar a ordem do capital em uma ordem capaz de satisfazer as necessidades humanas para se adequar aos seus próprios objetivos, e aparentemente eliminar suas contradições internas. A ordem sociometabólica do capital só é capaz de sustentar-se a si mesma em uma expansão cada vez mais destrutiva e, em última análise, autodestrutiva<sup>9</sup>. Mézáros é enfático ao determinar o controle social como elemento necessário que objetiva “uma reestruturação radical do modo de intercâmbio humano predominante. Da mesma forma, o controle social é a condição prévia necessária para qualquer relação sustentável com as forças da natureza”<sup>10</sup>.

## II

O controle social torna-se ainda mais necessário quando considerados os limites absolutos do capital, especialmente se tivermos em conta a crise ecológica e ambiental da contemporaneidade. Claro está que toda a estrutura do capital coexiste em uma crise fulcral com a natureza,

---

<sup>8</sup> Mézáros (2002), p. 138.

<sup>9</sup> Mézáros (2012).

<sup>10</sup> Mézáros (2002), p. 989.



crise esta que não pode e não será resolvida dentro dos marcos do próprio sistema sociometabólico do capital.

Pois não há possibilidade, segundo Mészáros, de pensar qualquer forma elementar de reprodução sociometabólica do sistema do capital que não seja letalmente ameaçada pela maneira como o capital se relaciona com ela, porque é a única maneira que pode fazê-lo. “Isto não vale apenas para as exigências de energia da humanidade ou para a administração dos recursos naturais e dos potenciais químicos do planeta, mas para todas as facetas da agricultura global, inclusive a devastação em grande escala das florestas e a maneira irresponsável de tratar o elemento sem o qual nenhum ser vivo pode sobreviver: a água”<sup>11</sup>.

Esta dimensão das soluções inócuas dentro do sistema do capital tem em uma das suas expressões o atual debate sobre o clima, preso na agonia do capital; a avançada degradação ambiental em curso atualmente tem as grandes corporações monopolistas globais – personificações máximas do sistema do capital – apresentando-se como portadoras da solução, seja por meio do “desenvolvimento sustentável”, títulos de carbono ou que tais. O que importa ressaltar é que essas soluções têm como princípio operativo a defesa da ordem sociometabólica existente, que deve permanecer sem maiores alterações em seus aspectos reprodutivos essenciais.

Ou ainda a apologética dos economistas-feiticeiros defensores da ordem com seu receituário de crescimento e promessas de riqueza ligadas ao acúmulo de mercadorias adquiridas em *shopping centers* e *black Fridays* mundo afora. Pois a adoção universal do padrão estadunidense de um consumo de massas mostra-se impossível, não apenas pela realidade dos

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 253.



imperativos econômicos dessa nação dominante, mas pelo rápido esgotamento dos recursos ecológicos e do colapso ambiental que adviriam da generalização deste padrão de consumo, dado que a população estadunidense, com seus 5% da população mundial, consomem cerca de 25% dos recursos energéticos disponíveis<sup>12</sup>. Não fica difícil imaginar o que aconteceria.

Há ainda uma terceira ordem de argumentos salvíficos por dentro do capital, que julga a ciência e a tecnologia como solucionadoras de todos os problemas ambientais de longo prazo. Ademais de esse tipo de argumento não levar em consideração a degradação ambiental provocada pelas tecnologias atuais – que em nada autorizam a pensar em uma mudança nesse sentido para as tecnologias futuras – também omitem o enraizamento social da ciência e da tecnologia – a serviço pleno do capital, claramente. Portanto a questão que se coloca “não se restringe a saber se empregamos *ou não* a ciência e a tecnologia com a finalidade de resolver nossos problemas” – dada a obviedade da resposta: sim! – “mas se seremos *capazes* ou não de *redirecioná-las radicalmente*, uma vez que ambas estão estritamente determinadas e circunscritas pela necessidade da perpetuação do processo de maximização dos lucros”<sup>13</sup>.

O caminho para uma sociabilidade realmente sustentável necessita, pois, do controle social sobre o sistema de reprodução sociometabólica, subsumindo todas as dimensões da produção material da vida humana, incluindo aqui o que é produzido e como é produzido, e suas conseqüentes relações sociais com a natureza.

---

<sup>12</sup> Foster (2014).

<sup>13</sup> Mészáros (2011), p. 53.



Na atual quadra histórica do desenvolvimento da crise estrutural do capital presencia-se a emergência de uma contradição fundamental – caracterizadora justamente de sua dimensão “estrutural” – com graves implicações para o sistema do capital: “pela primeira vez na história humana, a dominação e a expansão sem obstáculos das estruturas e mecanismos capitalistas, inerentemente irracionais, de controle social estão encontrando sérias resistências, na forma de pressões resultantes dos imperativos elementares da simples sobrevivência<sup>14</sup>.

Isso significa dizer que o poder do capital, em várias de suas formas de manifestação, não mais consegue se expandir – embora ainda longe de ter se esgotado – razão pela qual apresenta-se como um modo de controle incapaz de prover a racionalidade necessária de um adequado controle social. E é justamente esta necessidade, no presente, que demonstra sua dramática urgência. Pois os limites absolutos da existência humana – que no plano ecológico significa uma destruição irreversível ao meio ambiente – devem ser mais e mais colocados na centralidade das reflexões que visam criar alternativas à forma alienada capitalista de controle social.

O esforço em reproduzir o sistema do capital só pode ser assegurado por várias formas de destruição – desemprego, miséria humana, exploração, guerra e degradação ambiental – onde consumo e destruição são equivalentes funcionais, “na medida em que forças destrutivas e do desperdício, como o complexo militar-industrial, irrompem na dianteira do sistema para sustentá-lo”<sup>15</sup>. “Pois o que está fundamentalmente em causa

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>15</sup> Clark e Foster (2011), p. 123.



hoje não é apenas uma crise financeira maciça, mas o potencial de autodestruição da humanidade no atual momento do desenvolvimento histórico, tanto militarmente como por meio da destruição em curso da natureza”<sup>16</sup>.

Sendo assim, o sistema movido pelo lucro não é capaz de regular o sociometabolismo entre natureza e sociedade, dado que a reprodução do sistema do capital perpetua a destruição ecológica em termos praticamente irreversíveis. E para Mészáros, se a humanidade deseja sobreviver deve superar sua fragmentação social e encontrar sua unidade, como tal:

O conceito de *economia* é radicalmente incompatível com a “*economia*” da produção do capital, que necessariamente causa um duplo malefício, primeiro por usar com desperdício voraz os *limitados recursos* do nosso planeta, o que é posteriormente agravado pela *poluição e pelo envenenamento do meio ambiente humano*, decorrentes da produção em massa de lixo e efluentes. Ironicamente, porém, mais uma vez, o sistema entra em colapso no momento de seu supremo poder; pois sua máxima ampliação inevitavelmente gera a necessidade vital de limites e *controle consciente*, com os quais a produção do capital é estruturalmente incompatível. Por isso, o estabelecimento do novo modo de controle social é inseparável da realização dos princípios de uma *economia socialista*, centrada numa *significativa economia da atividade produtiva*, pedra angular de uma rica realização humana numa sociedade emancipada das instituições de controle alienadas e reificadas<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Mészáros (2011), p. 29.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 73.



A política, portanto, deve ser emancipada do poder do sistema sociometabólico do capital para que a humanidade adquira o poder decisório sobre o controle social de sua vida produtiva, aglutinando o sociometabolismo com a natureza e os mais altos desígnios das necessidades humanas.

Para Marx, o aprimoramento do desenvolvimento humano permitido pelas reduções no tempo de trabalho – objetivo do comunismo – está intimamente ligado ao desenvolvimento das capacidades humanas no campo da produção, engendrado no metabolismo entre sociedade e natureza. Para tanto, há a necessidade de superar a alienação da ciência em relação aos produtores, formando uma conciliação entre as ciências naturais e sociais e “tornando-se a base da ciência humana (...) a base da vida efetivamente humana; (...) a natureza antropológica verdadeira”<sup>18</sup>. Essa unidade entre as ciências sociais e naturais cristaliza a unidade intrínseca entre a humanidade e a natureza. Portanto, o tempo de trabalho reduzido praticado por produtores livremente associados é visto como uma condição necessária para o desenvolvimento intelectual de indivíduos sociais capazes de dominar as forças da natureza e do trabalho social desenvolvidos cientificamente de forma humana e ambientalmente racional.

Marx argumenta que uma sociabilidade advinda de produtores livremente associados deve existir no âmbito do metabolismo prescrito pelas leis naturais da própria vida, assegurando as condições de existência para as

---

<sup>18</sup> Marx (2010), p. 112.



gerações presente e futura<sup>19</sup>. Mészáros, por sua vez, enfatiza que ao obter controle social sobre a ordem sociometabólica é necessário construir uma base inteiramente nova de sociabilidade, onde uma relação mais ecológica para a humanidade é parte definidora desta luta dedicada à realização das necessidades humanas.

Nesse aspecto, há uma síntese necessária entre Marx e Mészáros, na formulação de uma concepção de transição para um sistema sustentável de reprodução metabólica social. Tanto a igualdade substantiva quanto a sustentabilidade ecológica são os pilares de uma sociedade livre dos ditames e da lógica do capital. Essas considerações ajudam a superar as divisões inerentes ao desenvolvimento do capital enquanto um sistema. A igualdade substantiva ajuda a superar o isolamento social e a alienação que caracterizam as relações capitalistas. A sustentabilidade ecológica implica superar a alienação em relação à natureza. Os problemas ambientais contemporâneos mais urgentes estão intimamente ligados à operação do capital. Portanto, a ação social demanda incorporar uma crítica ao próprio capital, a fim de erradicar um sistema baseado na expansão constante e descontrolada, independentemente das consequências socioecológicas<sup>20</sup>.

A necessidade de formas substantivamente equitativas e sustentáveis de desenvolvimento humano é, pois, dramaticamente urgente. Assim como urgente também é a necessidade histórica da criação do movimento dos produtores visando a mudança radical nas formas atuais de

---

<sup>19</sup> Marx (2013).

<sup>20</sup> Clark e Foster (2011), p. 126.



controle social visando sua emancipação. A necessidade, portanto, do comunismo.

## Referências

52

- ANTUNES, Ricardo. Introdução. MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 10.
- CLARK, Brett, FOSTER, John Bellamy. **A Dialética do Metabolismo Social e Ecológico**: Marx, Mészáros e os Limites Absolutos do Capita. In: Ivana Jinkings e Rodrigo Nobile (Orgs.), Mészáros e os Desafios do Tempo Histórico. São Paulo: Boitempo, 2011.
- FOSTER, John Bellamy. **Mészáros and the Critique of the Capital System**, Monthly Review, v.66, n.7, 2014.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O Capital**. São Paulo, Boitempo, 2013.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A Crise Estrutural do Capital**. Tradução: Francisco Raul Cornejo (et. al). 2ª edição ver. E ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A Obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

*Recebido em 10 fev. 2020 | aceite em 01 mai. 2020*

